



## TORCIDAS ORGANIZADAS BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA CRIMINOLÓGICA DAS TEORIAS SUBCULTURAIS, DE MERTON E CRÍTICA À ELITIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS

Flávio Figueiredo Gomes da Costa\*

Bruno Cesar de Lima Nascimento\*\*

### RESUMO

As torcidas organizadas pertencem ao mundo do futebol. Num imaginário ideal, grupos de pessoas, em extrema maioria jovens, se unem para torcer e defender uma agremiação futebolística. O fortalecimento dessas associações há muito preocupa a sociedade, tendo-se constantemente discutido os benefícios e malefícios desses grupos. Ao mesmo tempo, as torcidas organizadas tratam de não se restringirem ao cenário esportivo, atuando em campos como a política, a filantropia e a economia, o que revela a complexidade e significância de suas práticas. Entretanto, um estudo mais aprofundado desse fenômeno ainda se revela incipiente no Brasil, resultando muitas vezes em estratégias e políticas públicas frustradas. Nesse trabalho, perante um viés da sociologia criminal, analisam-se possíveis razões para o surgimento desses grupos. Ademais, faz-se uma reflexão sobre as políticas públicas até então adotadas no Brasil.

**Palavras-chave:** Torcidas organizadas; Futebol; Subculturas; Robert Merton; Higienização.

*"...vá alguém estudar a fundo o jogo de Domingos da Guia ou a literatura de Machado de Assis que encontrará decerto nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco da capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é."  
(Gilberto Freyre)*

### 1 INTRODUÇÃO

\* Graduando em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. [flaviofgc@gmail.com](mailto:flaviofgc@gmail.com)

\*\* Graduando em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. [bruno\\_inascimento@hotmail.com](mailto:bruno_inascimento@hotmail.com)

Não são poucos os adeptos da teoria que defende o futebol como a maior invenção do homem<sup>1</sup>. Exageros à parte, é cediço que o mundo do futebol envolve e encanta um imensurável número de pessoas, carregando consigo um turbilhão de sentimentos.

Nesse diapasão, o futebol, desde os seus primórdios, tornou-se uma ferramenta responsável por refletir as mazelas, sentimentos e anseios carregados pela sociedade, sendo, muitas vezes, verdadeiro instrumento para mudanças sociais, econômicas ou políticas.

Para que não se tenham meras divagações, bastaria citar a Democracia Corinthiana<sup>2</sup> liderada pelo Dr. Sócrates; o choro e comoção coletiva das torcidas do Club de Regatas Vasco da Gama e do Clube de Regatas do Flamengo, logo após a morte de Ayrton Senna<sup>3</sup>; bem como as recentes manifestações racistas de torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre<sup>4</sup>.

Por mais encantador e prazeroso que seja estudar e discutir as diversas dimensões apresentadas pelo futebol, não se pretende divagar nesse verdadeiro universo. A preocupação aqui está direcionada a um dos principais atores deste esporte - o torcedor - mais especificamente, as "Torcidas Organizadas".

Apontadas por alguns como as responsáveis pelo brilho, festa e alegria nas arquibancadas, através de seus cânticos e bandeiras, atualmente as torcidas organizadas são vistas como as principais responsáveis pela violência e diminuição do público nos estádios, em razão de brigas e confusões geradas entre elas.

Realidade essa que tem causado pavor em autoridades públicas, que as enxergam de maneira negativa, e desesperadamente aplicam políticas muitas vezes inadequadas.

Como se percebe, ou deveria-se perceber, o estudo desse fenômeno há muito tempo já ultrapassou os limites do âmbito esportivo. Tem-se na figura desses grupos um reflexo

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada corriqueiramente pelo competente e polêmico jornalista da emissora de tv por assinatura, ESPN Brasil, Mauro Cezar Pereira.

<sup>2</sup> Conforme Gozzi (2011), Democracia Corinthiana corresponde a um termo criado pelo jornalista Juca Kfoury para nominar um inédito e peculiar movimento surgido no futebol brasileiro, especificamente no Sport Clube Corinthians Paulista. Na esteira das "Diretas Já", movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil, ocorrida em 1983-1984, os atletas do referido clube de futebol defenderam e implementaram, durante alguns anos, um modelo de gestão igualitário e democrático, em que os jogadores e demais funcionários seriam protagonistas nas decisões internas do clube.

<sup>3</sup> No dia 01/05/1994, logo após a morte do piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna - um dos maiores ídolos do esporte no Brasil -, as torcidas dos clubes cariocas Flamengo e Vasco - eternas rivais -, ecoaram juntas durante uma partida de futebol no Estádio Maracanã, com público aproximado de 110.000 (cento e dez mil) pessoas, cânticos ininterruptos e emocionantes em homenagem ao ídolo nacional recém falecido.

<sup>4</sup> Durante a partida entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e Santos Futebol Clube, pela Copa do Brasil de 2014, torcedores do time gaúcho direcionaram cânticos e gestos de cunho racistas para o goleiro do Santos, Aranha. Posteriormente, o Grêmio foi julgado pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva e excluído da competição em razão da prática dos seus torcedores, informações da ESPN (2014).

social, econômico e político muito forte, carecendo, portanto, de uma análise social e criminológica bem apurada.

Cumprido, neste trabalho, trazer uma visão criminológica dessas torcidas, buscando na sociologia criminal razões para o seu surgimento e funcionamento.

Ademais, busca-se refletir sobre as políticas públicas adotadas pelas autoridades brasileiras na tentativa de neutralizar os efeitos negativos dessas associações, mas que, entretanto, têm gerado consequências diversas, como a elitização do futebol.

## **2 ANÁLISE DAS TORCIDAS ORGANIZADAS SOB O OLHAR DA TEORIA DAS SUBCULTURAS**

Surgida na década de 1950 como resposta ao problema que suscitavam determinadas minorias marginalizadas (étnicas, políticas, raciais, culturais), sobretudo nos Estados Unidos, a teoria das subculturas, embora imperfeita e em parte superada, é capaz de oferecer uma visão no mínimo intrigante quanto ao funcionamento e surgimento das torcidas organizadas no Brasil.

Vê-se, na lição de Molina e Gomes (2006), que a teoria das subculturas sustenta três ideias fundamentais: o caráter pluralista e atomizado da ordem social, a cobertura normativa da conduta desviada e a semelhança estrutural, em sua gênese, do comportamento irregular. A ordem social, a teor deste novo modelo, é um mosaico de grupos e subgrupos, fragmentado e conflitivo; cada grupo ou subgrupo possui seu próprio código de valores, que nem sempre coincidem com os valores majoritários e oficiais, e todos cuidam de fazê-los valer frente aos restantes, ocupando o correspondente espaço social.

Desta forma, a conduta delitiva para as teorias subculturais, não seria produto da desorganização ou da ausência de valores, senão reflexo e expressão de outros sistemas de normas e de valores distintos: os subculturais. Teria, portanto, um respaldo normativo.

Ainda pelo ensinamento de Molina e Gomes (2006), entende-se, por conseguinte, que tanto a conduta normal, regular, adequada ao Direito, como a irregular, desviada, delitiva, seriam definidas em relação aos respectivos sistemas de normas e valores oficiais e subculturais. Isto é, contariam com uma estrutura e significação muito semelhante, visto que o autor, em última análise (delinquente ou não), o que faz é refletir com sua conduta o grau de aceitação e interiorização dos valores da cultura e subcultura à qual pertence (não por decisão

própria). Valores que se interiorizam - reforçam e transmitem - mediante idênticos mecanismos de aprendizagem e socialização, tanto no caso de conduta normal ou regular, como no de conduta irregular ou desviada.

Nesse prisma, lembra-se que um dos promotores mais representativos desta concepção criminológica foi Albert Cohen. Autor da obra *Delinquent boys*, este centraliza seu estudo na delinquência juvenil nas classes baixas.

Assim ressalta Alessandro Baratta:

É Cohen quem desenvolve completamente este aspecto problemático da teoria das subculturas. Em um famoso livro, analisa a subcultura dos bandos juvenis. Esta é descrita como um sistema de crenças e de valores, cuja origem é extraída de um processo de interação entre rapazes que, no interior da estrutura social, ocupam posições semelhantes. Esta subcultura representa a solução de problemas de adaptação, para os quais a cultura dominante não oferece solução satisfatória. (BARATTA, 2011, p. 73).

Para Cohen, (1955, p.24), posto que a estrutura social impede o jovem das classes baixas de ter acesso ao bem-estar por vias legais, este experimenta um "conflito cultural" ou um "estado de frustração" que determina a sua integração em uma subcultura separada da sociedade ou da cultura oficial. Subcultura essa maliciosa, negativa e não utilitária, provida de um sistema de valores próprio e conflitante com o sistema oficial.

É neste instante que cumpre estabelecer uma comparação entre os preceitos desta teoria com a atual conjuntura das torcidas organizadas brasileiras, de modo que se possa entender essa intrigante relação.

Teria-se nessas torcidas, em verdade, uma relativa exteriorização e representação das subculturas dentro do mundo do futebol.

Num primeiro momento, deve-se reportar que a absoluta maioria das torcidas organizadas no Brasil é predominantemente formada por grupos juvenis marginalizados socialmente: pessoas entre 15 e 29 anos que se encontram em situação semelhante às estudadas por Cohen em seu trabalho.

Da mesma forma, essas torcidas não são utilitárias, ao passo que possuem uma clara intencionalidade, espírito de grupo e pretendem negar os valores correlativos da sociedade civil, características essas idênticas às detectadas por Cohen nas subculturas criminais quando da sua análise.

Em verdade, diz-se que não são utilitárias porque para os torcedores organizados predomina o significado simbólico sobre o material. Num exemplo trazido por Cohen, um furto, quando cometido em um contexto subcultural, está longe de reflexões vinculadas ao

proveito ou ao lucro, pois, na verdade, é uma atividade valorizada que se encontra estreitamente conectada com a fama, o valor e a íntima satisfação<sup>5</sup>.

Trazendo para a órbita da arquibancada, o mesmo contexto se aplicaria a determinadas práticas de torcedores uniformizados, como no furto de uma bandeira, faixa ou camisa de um torcedor rival<sup>6</sup>, bem como numa agressão a um policial ou depredação ao patrimônio do clube rival. Aqui, o significado mais uma vez é absolutamente simbólico, de modo que aquele torcedor não terá ganhos concretos ou materiais, mas apenas se tornará uma figura mais respeitada no grupo e temida pelos torcedores rivais.

Sem embargo, é curioso e importante frisar que, ao revés do que alguns imaginam, uma mesma torcida organizada muitas vezes sofre com brigas e disputas internas. Isso ocorre justamente porque a sua formação, em essência, se dá através do conjunto de diversos "comandos"<sup>7</sup>, que consistem em *gangs* ou "bundes" menores espalhados pelos mais diversos bairros da cidade, os quais se unem para defender aquele clube, não obstante possa existir conflito de interesses em alguns momentos.

Da mesma forma, torcidas diferentes mas defensoras do mesmo clube de futebol também costumam acumular inimizades, realidade percebida na cidade de São Paulo/SP através das constantes brigas entre a Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) e a Mancha Verde.<sup>8</sup>

Perceba que uma profícua análise sobre as torcidas organizadas, atualmente, em muito ultrapassa os limites das percepções de Cohen quanto às subculturas. No entanto, cumpre destacar sua relação, como fez-se nesse tópico.

Destarte, a criminologia revela um caráter de certo modo, e na prática, anacrônico, de forma que um estudo elaborado na década de 1950 é ainda capaz de repercutir fortemente na percepção de um fenômeno social tão preocupante, desde o século passado até hoje.

---

<sup>5</sup> COHEN, 1955. p.26

<sup>6</sup> Trata-se de prática comum entre torcedores organizados, que se utilizam dos mais variados meios, principalmente da violência, para se apropriar de "peças" (objetos que representem a Torcida - sejam vestuário, faixas ou bandeiras) de torcidas rivais.

<sup>7</sup> Expressão típica entre as torcidas organizadas de Natal/RN, que significa a representação da torcida organizada em grupos menores espalhados pelos bairros da cidade.

<sup>8</sup> LANCENET. **Facções do Palmeiras entram em confronto em Guaratinguetá**. Disponível em: <[http://www.lancenet.com.br/palmeiras/Faccoes-Palmeiras-entram-confronto-Guaratingueta\\_0\\_963503717.html](http://www.lancenet.com.br/palmeiras/Faccoes-Palmeiras-entram-confronto-Guaratingueta_0_963503717.html)>. Acesso em: 15 out. 2014.

### **3 ANÁLISE DAS TORCIDAS ORGANIZADAS E DA VIOLÊNCIA NOS ESTÁDIOS SOB A ÓTICA DA TEORIA DE ROBERT MERTON**

Nesta parte do trabalho, busca-se estabelecer uma analogia entre a teoria produzida por Robert Merton para compreender o comportamento desviante e a violência nos estádios, mais especificamente os confrontos gerados por torcidas organizadas, ou envolvendo-as, ou os crimes contra a vida e a integridade física praticados por torcedores fanáticos. É importante frisar que o objetivo não é o de desvendar a origem de tais conflitos ou até mesmo propor solução para eles, mas intentar apenas em observá-los sob uma ótica criminológica.

Segundo Baratta (2011, p.63), Merton definiu que o comportamento desviante é oriundo de uma incompatibilidade entre os objetivos culturais de uma sociedade e os meios disponíveis na estrutura social para alcançá-los. Segundo seu entendimento, a sociedade, com base na sua cultura, estabelece objetivos a serem perseguidos por seus membros, tais como estabilidade financeira ou sucesso profissional. Tais objetivos, porém, se renovam ao longo dos tempos e nem sempre estão relacionados a necessidades básicas dos indivíduos. Um exemplo é a busca por “ostentação” em certas culturas pela simples razão de demonstração de poder ou de riqueza.

Da mesma forma que estabelece os objetivos comuns, a cultura também dita os meios aceitáveis para atingi-los. É a herança cultural que determina se, para um indivíduo alcançar certo objetivo, é válido prejudicar alguém ou agir de uma forma ou de outra. Por consequência, aqueles meios que não estão entre os socialmente aceitáveis são considerados desviantes, semelhantemente àqueles que os adotam.

Até então, têm-se os objetivos e os meios que podem ser usados, porém nem todos os indivíduos, tendo como base uma observação realista, possuem os mesmos meios para acesso aos objetivos sociais ou até não possuem acesso a meio algum dentre os listados pela cultura como aceitáveis, pois a estrutura social não fornece a todos a garantia de que alcançarão os objetivos comuns por meios válidos. Desse modo, o indivíduo que foi prejudicado pela estrutura social não tendo acesso aos meios aceitáveis terá que encontrar uma nova forma de atingir os objetivos sociais comuns, pois não deixou de compartilhá-los.

Para Baratta (2011, p.63), Merton defende em sua obra que o indivíduo pode reagir de cinco formas ao conjunto formado pela cultura e pela estrutura social: pode conformar-se, aceitando tanto os objetivos propostos quanto os meios fornecidos; inovar, acolhendo os objetivos, mas desrespeitando os meios aceitáveis; viver um ritual de repetição dos meios

formais sem a busca pelos objetivos culturais; mostrar-se apático, negando tanto os objetivos quanto os meios; ou rebelar-se, estabelecendo meios e fins alternativos aos culturais.

Interessa aqui a observação do comportamento inovador, pois que, aceitando os objetivos culturais, desrespeita os meios aceitos por não ter acesso a eles ou por ignorá-los. Dessa forma, busca alcançar os mesmos objetivos que a maioria dos indivíduos da sociedade, mas vale-se de meios ilícitos ao anseio social. Esses são os que, por exemplo, desejam um objetivo social de estabilidade financeira, mas, por não terem emprego ou educação, que seriam os meios aceitáveis para tal, valem-se do furto ou do estelionato (meios não aceitos) para alcançá-la.

Entendido esse pequeno retrato da teoria de Merton, explane-se uma analogia.

Primeiramente, deve-se observar a sociedade como o universo de torcedores de um certo país ou de times que integrem um mesmo campeonato. Tais indivíduos estariam inseridos num meio cultural que estabeleceu seus objetivos comuns e os meios aceitáveis para alcançá-los. Poderia-se dizer que, no universo de torcedores de futebol, o principal objetivo do indivíduo ou de um grupo, qual seja a torcida de um time ou um grupo de torcida organizada, é mostrar-se superior de alguma forma às torcidas adversárias ou aos grupos adversários. Estabelecida essa meta, o meio válido para alcançá-la seria através da vitória do seu respectivo time. Em outras palavras, quando o seu time vence o adversário, o torcedor teria acesso ao meio válido para se mostrar superior ao torcedor do time perdedor.

A partir dessa análise, por consequência, pode-se perceber que, se o torcedor do time vencedor teve acesso ao meio válido, o torcedor do time perdedor não teve. Isso se dá porque a estrutura social nem sempre oferece os meios válidos para se alcançar os objetivos culturais. Dessa forma, cada torcedor reagirá à cultura e à estrutura social de uma forma que se encaixe em uma das cinco possibilidades estudadas.

Sob essa ótica, analisando como reagiria o indivíduo que opta pela inovação, pode-se sugerir que, por não ter acesso ao meio válido para se mostrar superior ao torcedor adversário, que é através da vitória do seu time, ou simplesmente por ignorá-lo, ele busca meios alternativos para tal.

Desse modo, o meio alternativo mais comum dentro dos estádios é o uso da violência no modo que costuma-se chamar internacionalmente de *“hooliganismo”*. Assim sendo, os torcedores se envolvem em confusões, torcidas organizadas travam verdadeiras batalhas medievais com uso de pedras, bombas caseiras, pedaços de madeira e tudo mais que estiver pelo caminho com o único objetivo de mostrar-se superior ao grupo adversário.

Através dessa suposição demonstrada, a violência nos estádios seria uma resposta à falta de acesso aos meios válidos para exibir superioridade através da estrutura social ou somente uma escolha tomada por completa ignorância dos meios aceitáveis culturalmente.

#### 4 CRÍTICA À ELITIZAÇÃO DO FUTEBOL

Neste momento, cumpre reportar à essência do futebol - o amor e a paixão que os torcedores carregam consigo pelos seus clubes ou seleção. Lembra-se que para muitos, em especial aquele cidadão mais humilde, tem-se nesse esporte uma verdadeira razão de viver, refletida pela defesa do seu clube e idolatria aos atletas.

Para os que questionam isso ser mesmo possível, sugere-se rever episódios como a conhecida invasão corinthiana ao Maracanã<sup>9</sup>, por ocasião da disputa do campeonato brasileiro de 1976, bem como as constantes idas de brasileiros ao Japão nas disputas de mundiais interclubes de futebol, viagens muitas vezes custeadas por empréstimos bancários, venda de bens ou ajuda de amigos.

Diante dessa realidade, independente de uma outra discussão, muitas vezes plausível, que enxerga o futebol como ferramenta para manipulação das massas, aqueles que admiram o esporte muito se entristecem ao se deparar com uma redução drástica nos públicos presentes em estádios, ocorrida nas últimas três décadas.

As mais diversas razões para essa diminuição podem ser apontadas, dentre elas: o surgimento de novas opções de lazer para os brasileiros; a queda na qualidade dos nossos jogadores; o horário inconveniente das partidas; o televisionamento; o crescimento da violência nos estádios; e o aumento no preço dos ingressos. E são justamente essas duas últimas possibilidades que queremos discutir neste instante.

São inquestionáveis os males causados pelo surgimento da violência em estádios de futebol. Berço do futebol e conhecido como o país do *fair play* (jogo limpo; espírito esportivo) a Grã-Bretanha há décadas sofre com o *hooliganismo*<sup>10</sup>, símbolo da violência no futebol daquela região.

---

<sup>9</sup> Episódio no qual milhares de torcedores do Sport Clube Corinthians Paulista viajaram até o Rio de Janeiro para acompanhar a partida única da fase pré-final (equivalente a semifinal) do Campeonato Brasileiro de 1976, disputada entre a equipe paulista e o Fluminense Football Club.

<sup>10</sup> Conforme (TSOUKALA, 2009), corresponde a um comportamento destrutivo e desregrado que é comumente associado a fãs de futebol.

Eric Duning, um dos mais célebres cientistas sociais britânicos e uma referência mundial no âmbito da sociologia dos esportes, em entrevista concedida a Edison Gastaldo<sup>11</sup> da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, relatou que na Inglaterra os distúrbios de massa relacionados ao futebol eram vistos até os anos 1960 como um problema das autoridades futebolísticas e não como um problema dos governos locais ou nacionais ou mesmo da polícia.

Essa realidade se transforma com a indignação popular pelo fortalecimento da violência em estádios de futebol naquela região, ao passo que o estopim para o surgimento de novos conceitos se dá com a catástrofe do estádio de Hillsborough, na cidade de Sheffield, no ano de 1989, quando 95 pessoas morreram pisoteadas, além de grande número de feridos, por falha da polícia que abriu os portões do estádio, já lotado, para a entrada de mais torcedores.

Em razão desse incidente, foram desenvolvidos diversos estudos, sendo o mais importante deles o Relatório Taylor (TAYLOR Report), cujas propostas foram acolhidas. Cita-se como medidas indicadas pelo relatório e adotadas pelas autoridades britânicas: a presença de cadeiras e lugares marcados nos estádios; sistema interno de monitoramento; legislação específica de repressão aos torcedores infratores; ingresso nominal; proibição na venda de bebidas alcoólicas, dentre outras recomendações.

A forma como a Inglaterra atua na segurança nos estádios tornou-se exemplar, nada obstante tudo isso, a principal responsável por essa mudança foi na verdade a sociedade inglesa que, em dado momento, tomou ciência do perigo das catástrofes nos estádios e indignou-se contra a violência dos grupos de *hooligans*. Tendo a atuação desses grupos, inclusive fora do país, tornado-se motivo de vergonha nacional.

Nesse sentido, apesar de ser exemplar a forma como a Inglaterra atua na segurança dentro dos seus estádios, cabe ressaltar que o aproveitamento das políticas estrangeiras deve sempre se adequar às diferenças culturais existentes entre as nações.

O que se critica aqui, e essa realidade não vale exclusivamente para o Brasil, mas para alguns países europeus inclusive, é a forma como o futebol está sendo conduzido, causando a sua elitização e segregação social.

Percebemos atualmente, por uma ação conjunta dos dirigentes de clubes e autoridades públicas, que o futebol já se tornou um negócio, ao passo que o grande objetivo

---

<sup>11</sup> GASTALDO, Édison. **Esporte, violência e civilização**: uma entrevista com Eric Dunning. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n30/a09v1430.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2014.

tornou-se auferir lucros; do outro lado, as políticas públicas de combate à violência nos estádios brasileiros adotadas pelo governo já se mostraram ineficazes.

Nesse viés, a tentativa de trazer o modelo inglês para Brasil, através da criação do Estatuto do Torcedor, ainda não se mostrou eficaz, vista a falta de um maior planejamento e aparelhamento de nossas instituições ainda muito distantes da realidade inglesa.

Desse modo, diante muitas vezes do pretexto de combater a violência nos estádios, o que se percebe é uma elitização do futebol brasileiro, ou mesmo a sua higienização<sup>12</sup>. Caminha-se, com impressionante rapidez, para a mudança de perfil do frequentador dos jogos, sai o torcedor e entra o consumidor. A ideia é reservar os estádios para as chamadas "famílias de bem", entendidas como aquelas que podem pagar.

Aqueles congaçamento e integração social, raízes do futebol, hoje já não existem nas arenas padrão "FIFA"<sup>13</sup>, onde há sempre ao menos seis setores distintos que refletem s diferentes valores pagos nos ingressos, separando cada classe social em seu lugar específico. Diminui-se o valor de convivência entre os torcedores e a paixão pelos times e aumenta-se o sentido econômico e de consumo das partidas. Aos poucos, o anseio pelos títulos dos campeonatos cede seu lugar à busca pelo lucro. Sem saudosismo, mas o futebol já perde parte do seu encanto!

## 5 CONCLUSÃO

Sendo um dos esportes mais populares do mundo, naturalmente o futebol refletiria as mais diversas questões de uma sociedade, sejam elas positivas ou negativas.

Como se viu, buscou-se neste trabalho, de modo singular, debater sobre um polêmico personagem no mundo desse esporte: as torcidas organizadas, que há décadas já não se limitam a animar as partidas de futebol com seus sambas, hinos e marchinhas de carnaval, como fora o modelo deixado por sua pioneira, a Charanga, primeira torcida organizada carioca, criada em 1942, pelo baiano e flamenguista Jaime de Carvalho.

---

<sup>12</sup> Nesse sentido, o artigo publicado pelo jornalista Lúcio Castro, em 2010, intitulado A higienização dos estádios e a resistência baiana.

<sup>13</sup> Alcinha dada no Brasil às arenas construídas para a Copa do Mundo de Futebol, as quais tiveram que cumprir um extenso rol de exigências da Federação Internacional de Futebol, a fim de se adequarem ao discutível padrão de qualidade estabelecido pela FIFA.

Analisou-se aqui a existência e o modo de ação das torcidas organizadas sob a ótica da criminologia, tentando relacionar os conceitos jurídicos criminológicos ao funcionamento das torcidas organizadas e suas ações de violência.

O caráter anacrônico da criminologia pôde também ser reforçado neste trabalho, ao passo que a teoria criminológica das subculturas foi utilizada para estabelecer uma visão sobre a gênese e manutenção dessas associações, formada em sua maioria por jovens oriundos das classes mais pobres.

Ademais, através da ótica de Robert Merton, observou-se uma possível semelhança existente entre sua teoria para explicar os comportamentos desviantes e, de forma análoga, nas ações violentas (desviantes) mantidas entre os grupos rivais.

Além disso, demonstraram-se e criticaram-se também as medidas atualmente adotadas pelos clubes e pelo Estado para gerir o futebol, bem como para reprimir tais ações de violência, mas que, contudo, não se mostraram eficazes, tendo em verdade afastado os torcedores mais humildes dos estádios, o que, de certa forma, tem gerado um processo de elitização no esporte que, apesar de tudo, ainda continua sendo uma das maiores paixões do brasileiro.

Diante disso, entende-se que é papel do Estado e dos clubes articularem-se com vista a encontrar novas formas de pacificação dos jogos e estabelecer melhores níveis de segurança nos estádios, permitindo ao torcedor tanto o acesso às partidas quanto a garantia de assisti-las em segurança, seja desde a compra do ingresso e a chegada ao estádio, durante o decorrer da partida, ou até mesmo após o jogo e nos dias subsequentes enquanto os ânimos ainda permanecem altos.

## REFERÊNCIAS

BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: Introdução à sociologia do direito penal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011. Tradução de Juarez Cirino dos Santos.

CASTRO, Lúcio de. **A higienização dos estádios e a resistência baiana**. 2010. Disponível em: <[http://espn.uol.com.br/post/160657\\_a-higienizacao-dos-estadios-e-a-resistencia-baiana](http://espn.uol.com.br/post/160657_a-higienizacao-dos-estadios-e-a-resistencia-baiana)>. Acesso em: 15 set. 2014.

COHEN, A. K. **Delinquent Boys**. The culture of the gang, 1955.

ESPN BRASIL. **Aranha é chamado de 'macaco' por torcida do Grêmio**. 2014. Disponível em: <[http://espn.uol.com.br/noticia/436034\\_aranha-e-chamado-de-macaco-por-torcida-do-gremio](http://espn.uol.com.br/noticia/436034_aranha-e-chamado-de-macaco-por-torcida-do-gremio)>. Acesso em: 20 set. 2014.

GASTALDO, Édison. Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p.223-231, jul. 2008. Semestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n30/a09v1430.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2014.

LANCENET. **Facções do Palmeiras entram em confronto em Guaratinguetá**. Disponível em: <[http://www.lancenet.com.br/palmeiras/Faccoes-Palmeiras-entram-confronto-Guaratingueta\\_0\\_963503717.html](http://www.lancenet.com.br/palmeiras/Faccoes-Palmeiras-entram-confronto-Guaratingueta_0_963503717.html)>. Acesso em: 15 out. 2014.

MARIO FILHO. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2003

MOLINA, Antonio García-pablos de; GOMES, Luiz Flávio. **Criminologia**. 5. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006.

\_\_\_\_\_. **Tratado de criminologia**. 4. ed. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2008.

SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. **Democracia Corintiana: a utopia em jogo**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

TSOUKALA, Anastassia. **Football Hooliganism in Europe: Security and Civil Liberties in the Balance**. London: Palgrave Macmillan, 2009.

**BRAZILIAN TORCIDAS ORGANIZADAS: ITS ANALYSIS THROUGH THE CRIMINOLOGICAL SUBCULTURAL THEORIES, OF MERTON AND CRITICISM TO THE ELITIZATION OF STADIUMS**

**ABSTRACT**

The “torcidas organizadas” belong to the soccer world. Theoretically, groups of people, far mostly young, get together to cheer for and represent a soccer team. The strengthening of those associations has been worrying society for so long as its benefits and harms have been constantly discussed. In the other hand, the uniformed fans are not restrict to sports, being present in politics, philanthropy and economics, what shows how complex and relevant are its acts. However, there is not yet a more profound study of that phenomenon in Brazil, what causes frustration in many public strategies and policies. In this work, through a criminal sociologic bias, possible reasons for the appearance of those groups are analysed. Moreover, the public policies already adopted in Brazil are also discussed.

**Keywords:** Torcidas organizadas. Soccer. Subcultures. Robert Merton. Sanitation.